

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UM INCENTIVO AO HÁBITO DA LEITURA

Gicelli Petrini da Silva Brunkhorst¹
Luciana Ferreira²
Everton Ribeiro³

RESUMO

Este artigo tem como proposta relatar e analisar um projeto de contação de histórias, especialmente preparado para o público infantil, que usou como recurso as Artes Cênicas. Este projeto foi desenvolvido por alunos do Curso de Licenciatura em Artes, da UFPR – Setor Litoral e, foi realizado na Escola Municipal Francisco dos Santos Junior, localizada na cidade de Matinhos, litoral do Paraná, durante os meses de outubro e novembro do ano de 2010. Neste período foram realizadas 7 apresentações teatrais para crianças de 6 a 14 anos de idade. O principal objetivo deste projeto foi o de incentivar o hábito da leitura através do lúdico da contação de histórias, do teatro e das atividades prazerosas, motivadoras e não obrigatória, partindo do princípio de que estes seriam caminhos pedagógicos possíveis para alcançar o fim pretendido.

Palavras chaves: Contação de histórias; Leitura; Educação.

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é um hábito muito antigo entre os homens e, historicamente, este hábito já serviu a diversos fins, sendo um dos principais, o pedagógico. Segundo Tahan (1966), na antiguidade, antes mesmo do aparecimento da escrita os povos já contavam histórias sendo esta uma prática prazerosa que possui grande importância educacional e cultural entre as diferentes sociedades.

¹ Acadêmica do curso Licenciatura em Artes, turma 2008. Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Matinhos – gjartes2008@hotmail.com.

² Professora da Câmara de Artes da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. É Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná, tendo atuado na área das Artes Visuais e Arte Contemporânea – lluasol@gmail.com.

³ Professor da Câmara de Artes da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. É Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Especialista em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal do Paraná e em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, tendo atuado na área de Arte-Educação, Pedagogia do Teatro e Formação do Artista Cênico – evertonribeiro@ufpr.br.

Contemporaneamente, o acelerado desenvolvimento tecnológico e científico favoreceu a praticidade e a velocidade de transmissão de informações e conseqüentemente das inúmeras histórias e estórias humanas. Entretanto, no meio desta grande velocidade e quantidade de informações houve, aparentemente, um certo esquecimento da prática da contação e leitura de histórias, pelo menos do ponto de vista “convencional”, ou seja, aquele que estabelece contato entre as pessoas e os livros ou entre as pessoas e o contador de histórias com suas expressões, vozes e movimentos.

Neste sentido, o desenvolvimento deste projeto veio na tentativa de trazer para a escola a “prática” convencional de contação e leitura de histórias, almejando conscientizar e motivar professores a respeito dos inúmeros benefícios pedagógicos que estas práticas trazem e, ao mesmo tempo incentiva as crianças ao hábito da leitura de forma prazerosa e não mecânica. A experiência aconteceu a partir do desenvolvimento de um Projeto de Aprendizagem⁴ (P.A) que teve como título “A Apreciação Artística através da Contação de Histórias” foi concluído no sétimo semestre do curso de Licenciatura em Artes. A partir deste P.A. foi possível proporcionar uma experiência motivadora às crianças envolvendo o teatro, a leitura e a contação de histórias. Através do P.A., foi possível proporcionar uma experiência motivadora às crianças envolvendo o teatro, a leitura e a contação de histórias. Através deste P.A., foi possível também proporcionar às crianças envolvidas o estímulo à imaginação criadora, às diferentes formas de educação e ao desenvolvimento das habilidades cognitivas. Em consequência desse incentivo à leitura, espera-se que os alunos deixassem de lado a errônea ideia de que o hábito da leitura é uma atividade maçante e sem utilidade alguma. Que os mesmos passem a buscar maior contato com espaços que envolvem tal atividade, como bibliotecas, teatros, museus, livrarias, entre outros; vivendo, assim, grandes experiências e, ainda por cima, construindo uma postura de leitor atento, crítico e participativo quanto às ideias e informações que se obtém através dos textos.

⁴ PA's são projetos de aprendizagem e fazem parte do PPP da UFPR, Setor Litoral. Todos os alunos, independentemente do curso em que estiverem matriculados, devem desenvolver PA's, sob o tema que desejarem. Neste processo, os alunos são mediados por professores, para que em 3 ou 4 anos (dependendo do PPC de cada curso) desenvolvam seus PA's e alcancem os objetivos traçados pelo mesmo.

2 PEQUENA HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam como patrimônio moral para a nossa vida. Ao nos depararmos com situações idênticas aos dos contos, somos levados a agir de acordo com a experiência que, inconscientemente, já vivemos na história. Por isso, em nossos dias, pais e professores bem orientados empregam a contação de história como meio eficaz de corrigir faltas, ensinar bons costumes, inspirar atitudes nobres e justas e recorrem ao conto como o mais fácil, o mais racional e o mais eficaz processo de formação de possíveis leitores. E a experiência tem provado de sobejo, o acerto do caminho seguido. (TAHAN, 1966, p. 16)

Pode-se dizer que desde que surgiu a oralidade, os seres humanos contam histórias uns para os outros. Muitas destas histórias eram e são contadas e repetidas para que tradições, crenças, mitos, entre outros seja repassado no tempo e espaço. Ao longo do tempo, muitas pessoas perceberam que possuíam uma habilidade especial para contar histórias e que esta habilidade era um recurso à sua disposição para conquistar o respeito e a veneração dos seus semelhantes – assim, começaram a cultivar o seu talento e a especializar-se nas artes da contação. Pouco a pouco, o contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular, pelo prazer ou importância que suas histórias proporcionam a todos. Por exemplo, em muitas tribos indígenas, somente o pajé, possuía os segredos da arte do “dizer”, sendo ele o depositário das tradições destas tribos, as quais tem o dever de transmitir às novas gerações para que sejam conservadas e veneradas através dos tempos. Daí é fácil concluir que ele define e conserva os mistérios da ciência rudimentar que estas tribos possuem.

Para Tahan (1966), o ato de contar histórias, desde os tempos mais remotos até os dias atuais, é utilizado como um veículo de verdades eternas, sendo um meio de conservação de tradições, ou difusão de novas ideias, ou seja, ninguém ignora a poderosa influência que a história tem exercido nas reformas sociais porque têm passado os povos. Ainda na antiguidade os contos e as fábulas foram empregados de forma pedagógica, por serem formas condensadas da sabedoria popular. No oriente, mais do que em qualquer outra parte, foi o conto (sob a forma de parábola) especialmente utilizado pelos sacerdotes no ensino religioso. Na Índia, e particularmente na velha Índia budista, o conto adstrito à sua finalidade instrutiva teve emprego extraordinário e, os árabes com êxito espantoso, transmitiram esse mesmo tesouro discursivo e literário ao Ocidente, que obviamente, sob diferentes

ângulos e contextos peculiares, também possui uma longa e importante história de contação de histórias.

3 IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias é uma maneira a mais de estimular a leitura e também desenvolver a imaginação, enriquecer o vocabulário oral e escrito. Quando se realiza a contação de histórias usa-se de diversos recursos, tanto materiais como corporal, para repassar de forma agradável e estimuladora a mensagem pretendida para os ouvintes. O que diferencia a contação de histórias de apenas contar uma história, são as inúmeras maneiras de se utilizar da voz, de ruídos, de sons e outros recursos que o contador pode utilizar para enriquecer o momento da contação.

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode contribuir também de forma significativa na prática docente, especialmente para crianças. Isto não significa que também não possa encantar e entreter jovens, adultos ou idosos. Ouvir histórias estimula a imaginação, educa, instrui e desenvolve as habilidades cognitivas, além de fornecer o ponto de partida para a introdução de qualquer conteúdo programático. No que diz respeito especificamente à questão da formação de leitores é necessário levar em consideração certos aspectos ligados a tal atividade. A leitura exige muito além do ler mecanicamente, isto é, não se limita apenas em se saber ler cada palavra contida num determinado texto sem conseguir dar significados aos signos. Além de conhecer os códigos linguísticos, também é preciso que se memorize, analise e dialogue com o texto para então, se poder atingir a compreensão e o sentido do que está escrito. É importante ressaltar que qualquer leitor ou receptor de histórias – sejam elas contadas de forma oral ou escrita – envolve-se nas mesmas através da audição, da visão, da imaginação e é este envolvimento nas diversas sensações e percepções que resultam num prazer efetivo pela prática da leitura. Por outro lado, é exatamente este envolvimento de fatores, tão diferentes entre si, que estão contidos e que são as características principais e específicas da contação de histórias.

No entanto, para que qualquer leitor possa atingir este ponto de entrosamento somente com a leitura, ele deve possuir um conhecimento de vida. Este conhecimento é desenvolvido de forma coletiva e individual, uma vez que cada um tem sua realidade de vida e vivencia diferentes experiências. A partir de toda

essa bagagem de experiências e conhecimentos, é possível transformar códigos em abstrações, isto é, os leitores passam a ter aptidão para imaginar cenas, personagens e fatos relatados, formando sequências coerentes. Quanto mais lê, mais se desenvolve a capacidade de decodificação e compreensão acerca de qualquer que seja a mensagem transmitida pelos diversos meios. Uma vez que ocorre a relação, a interação e o entrosamento entre texto e leitor, este passa a se identificar com o mesmo e suas personagens, que podem lhe causar admiração, simpatia, revolta, piedade, ou seja, diversos sentimentos e reflexões que lhe servem para a vida. Neste sentido, a importância da contação de histórias. Ela confere a base ideal para alcançar o entrosamento entre leitor e história, atingindo de diversas formas aquele que se assiste. Isto porque ela usa de diversos recursos visuais e auditivos pra obter os resultados desejados.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo “querer produzir um tal efeito”, e sem entender que para cada uma delas aquela história, traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento. (MACHADO, 2004, p. 28).

Enredos direcionados às crianças, além de cunho descontraído, também permitem fazer relações mentais entre dificuldades enfrentadas pelas personagens e a das crianças, que passam a ter consciência dos problemas, graves ou não, a serem enfrentados no mundo real e que é preciso se empenhar para os objetivos traçados durante a existência. Obviamente, quase sempre, as experiências e dificuldades pelas quais passam as personagens se apresentam simbolicamente.

(...) como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam (...) a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias consciente, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 2002, p. 5-8).

Além de expor tal aspecto subjetivo, as histórias mostram ainda aos leitores diversas situações, envolvendo não apenas os benfeitores, mas também os vilões; oferecendo opções de escolha quanto ao caminho a seguir, entre o bem ou do mal, entre certo e errado. No mundo atual, contar e ouvir histórias são possibilidades libertárias de aprendizagem e atividades de suma importância na construção do conhecimento e do desenvolvimento ético e significativo, principalmente das crianças em fase de formação. Ressaltando que, através da prática da contação de histórias as expectativas de que estas sejam melhor incorporadas e vivenciadas pelas crianças aumentando enormemente. Por outro lado e igualmente importante, a contação de histórias é um instrumento bastante eficiente para incentivar as crianças a tomarem gosto pela leitura.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA INFÂNCIA

Partindo do ponto de vista mecânico da leitura, a criança deve ser incentivada a aprender a decodificar as letras, as palavras, as frases, os textos; passando, então, à fase da compreensão da mensagem exposta a ela. À medida que a criança se aprofunda no hábito da leitura e, conseqüentemente, na aquisição de inúmeros e variados saberes, também se faz enriquecer o modo como ela expressa e se expõe, seja na forma escrita ou na forma falada. Tal domínio por parte do leitor é adquirido, no que diz respeito o âmbito escolar, através do importante papel do professor que deve oferecer oportunidades para realização da leitura indo além de forma meramente mecânicas. Isto é, através de gibis, histórias encantadas, jogos, músicas, poemas, revistas, teatros, entre outros que, de uma forma ou outra fazem relação com a realidade do público em questão; disponibilizam-se momentos de interação e comunicação na sala de aula e fora dela.

Trabalhos como estes, além de ensinar a criança a ler códigos verbal e escrito, também forma leitores espontâneos e naturais, já que estes passam a explorar o amplo mundo da comunicação questionando e participando dele de forma livre e descontraída e não desgastante ou pressionada. E indispensável que haja um estímulo agradável à leitura para que o indivíduo, desde criança não se sinta obrigado ou pressionado a ler algo que não lhe interessa – tomando muito cuidado para não se formar o dito leitor mecânico e sim o participativo e integrante da

mensagem que está lendo, pois caso contrário não será capaz de criticar, influenciar e transformar a realidade do mundo em que vive. O domínio da leitura, dessa forma, faz parte da formação do homem como cidadão e, como enfatiza Freire (2006) isso é importante e “implica na percepção crítica, na interpretação e na “reescrita” do que foi lido” (FREIRE, 2006, p. 21).

Embora muitas crianças ainda realizem a leitura de forma não prazerosa, ocorrem modificações frequentes quanto ao modo de incentivo de tal hábito no âmbito familiar e escolar, pois já foi percebido que práticas diferenciadas de motivação, se bem encaminhadas só tendem a proporcionar o enriquecimento pessoal da criança. Caso contrário, o que se formará é uma sociedade indiferente, despreparada quanto à formação de ideias e pensamentos diante do que presencia diariamente em sua realidade social. Em outras palavras, obter-se-á uma sociedade incapaz de discernir linhas de pensamentos críticos, transformadores e formadores de história, o que pode até resultar na fácil manipulação e ausência de identidade dos indivíduos.

Ressaltando-se ainda a questão de mídia que, envolvendo todas as faixas etárias de público, o que inclui a criança, acaba por manipulá-la tornando-a submissa cognitivamente, uma vez que ela se encontra sem a formação adequada de um leitor, inclusive de um bom leitor de imagens. Além disso, esses meios de comunicação de massa podem também, causar a acomodação por parte da criança que evitará o ato da leitura. É o caso da televisão, por exemplo, que pouco exige do pensamento crítico, uma vez que inexistem textos escritos e um número incalculável de propagandas e publicidade atrativa e manipuladora. No entanto tais meios de comunicação – que são tão abrangentes e influente na sociedade – podem auxiliar, através de projetos, o incentivo à leitura de forma que os indivíduos pudessem interagir e buscar por ela, por puro prazer.

3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – ESTÍMULO À ENTRADA NO MUNDO DAS HISTÓRIAS E AO INCENTIVO À LEITURA

Os primeiros contatos entre a criança e os livros de histórias deveriam acontecer de forma envolvente, ou seja, que motivasse a imaginação, a fantasia, à criação, a participação e incentivo para o mundo da leitura. Assim, o pequeno leitor seria capaz de se expressar e de recriar de forma rica a história que leu. Isto deveria

acontecer mesmo que a leitura tivesse cunho educativo, uma vez que as histórias também são dotadas de ensinamentos para o mundo científico e para a realidade da vida. Ou seja, as histórias deveriam fazer paralelo com o cotidiano da criança, com sua vida escolar e sua vida pessoal – fazendo com que no processo ensino-aprendizagem a criança não deixasse de se divertir, muito menos de ser criança – e mais, fazer deste um processo de autoconhecimento para a mesma.

O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência. (MACHADO, 2004, p. 27).

Dessa forma, a história infantil pode se tornar um rico instrumento ou recurso de ensino e de aprendizagem, um instrumento que pode envolver a criança, uma vez que ela pode cativar e envolver desde que utilizada pelo professor de forma motivadora e coerente à faixa etária do público a qual pretende atingir. O papel do educador, portanto, é significativo e imprescindível no desenvolvimento deste processo e de seus objetivos. Se, no entanto, o prazer da leitura e o prazer de ouvir histórias vierem a partir de um vínculo com as artes – seja a música, a dança, as artes visuais ou o teatro – a combinação cultural será perfeita. Quem ganha com isto não são apenas os envolvidos diretos, mas sim toda a comunidade, a sociedade enfim. Afinal estarão sendo incentivadas as artes e a leitura e, acima de tudo estará sendo incentivada indiretamente a prática cidadã. Neste sentido, ler passa ser, além de um hábito cultural, um aspecto que influencia o indivíduo e a sociedade, uma vez que possibilita a este indivíduo discutir, relacionar, interagir, explorar, concordar ou não, construir e transformar a realidade da sociedade em que está inserido. Por tal importância, todos os sistemas de ensino incentivam e instruem a criança a ler como aspecto básico e necessário para que ela inicie não apenas a sua vida, mas também sua participação na sociedade como um cidadão crítico e participativo, já que a partir daí passa a ter acesso e conhecimento acerca das diversas mensagens escritas ou não (revistas, livros, imprensa, imagens, entre outros).

Inclui-se aqui também a linguagem não verbal, porque esta é a que primeiro emite mensagens à criança iniciante na prática da leitura. Freire (2006, p. 11) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, isto é, o leitor adquire primeiramente seu conhecimento de mundo, ainda que de forma simplificada e

coerente a faixa etária, e em seguida assimila tal realidade à leitura de palavras propriamente ditas. Este autor continua, afirmando que a leitura não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

Para tanto, é necessário que o professor ou quem deseja usar o recurso de contação de histórias se prepare para tal prática – que requer alguns cuidados, conhecimentos e domínios.

3.4 COMO SE PREPARA UM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas. (COELHO, 2009, p. 9).

Ao contar histórias, seu respectivo contador deve fazê-lo de forma que seu público possa se sentir confiante, motivado e ligado à história, ao mesmo tempo em que esta desperte a admiração e diversas emoções. Para que isso ocorra, o contador deve ter conhecimento e domínio sobre as histórias que quer contar, assim como deve saber o momento adequado para a exposição de cada uma de suas partes, principalmente se a mesma estiver sendo contada para crianças. Atentando-se a tais quesitos, imprescindíveis a uma boa contação, abrir-se-á também espaço ao lúdico, ao imaginário, à fantasia, à magia. Isto permitirá às crianças a ampliação de sua visão de mundo.

É de suma importância também que o contador seja coerente ao selecionar as histórias que contará, levando em consideração a faixa etária do público com o qual trabalhará. No caso do público infantil a história deve atender aos interesses desse público, fazendo com que ele não apenas compreenda, mas também participe e se veja integrante da história e de toda magia que a envolve, afinal, “é preciso levar a sério algo que provoca realmente impressão e exerce grande influência sobre as crianças”. (COELHO, 2009, p. 9).

Outro fator importante é o de determinar a forma de apresentar a história para a criança, os textos apresentados para as crianças podem ser: fábulas⁵, conto de fada⁶, poesia, histórias modernas⁷, enfim, todo o tipo de produção literária que possa ser de alguma forma, compreendida pela criança, e deve ter presente, recursos que auxiliam no desenvolvimento da narração.

(...) o narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto e recriando-o na linguagem oral, sem as limitações impostas pela escrita. A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem à conta. (COELHO, 2009, p. 11).

Isto implica em contar histórias com uma linguagem simples e espontânea por parte do locutor, permitindo ao seu receptor uma maior interação e envolvimento com a narração, além do uso de expressões corporais que enriquecem a apresentação. Neste contexto, é possível observar que contar histórias não requer habilidades especiais. Pode-se mesmo dizer que qualquer pessoa que tenha voz, algum poder de memória, boa capacidade de observação, de reflexão, e que seja capaz de tirar lições da vida é um contador de histórias em potencial.

Na contação de histórias, o narrador deve fazê-la de forma dinâmica e cativante; para isso, deve usar as ferramentas essenciais: as diversas vozes (inclusive ruídos, onomatopeias, sons) para diferentes personagens, climas e ambiente e expressões corporais que demonstram tudo que envolve aquele momento, sem deixar de lado as pausas que são também imprescindíveis, assim como os possíveis cenários. Porém, não há necessidade da utilização de fantasias ou agir como um ator. Basta uma história simples, criativa e envolvente e que sua contação não seja feita de forma mecânica e exatamente como na forma escrita. O

⁵ Fábulas – do latim *falula*, significa “história, jogo, narrativa, conto”, literalmente significa “o que é dito”. Fábulas são composições literárias em que as personagens são geralmente animais, forças da natureza ou objetos, que apresentam características humanas, tais como fala, os costumes, etc. Estas histórias geralmente terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo. É um gênero muito versátil, pois permite diversas maneiras de se abordar diferentes assuntos.

⁶ Contos de fada – a palavra fada vem do latim “*fatum*” (destino, fatalidade, fado, etc). Histórias infantis em que os personagens são reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, bruxas, monstros, heróis e outros, muitas vezes começam pelo “Era uma vez”, para salientar que os temas não se referem apenas ao presente tempo e espaço, o leitor encontra personagens e situações que fazem parte do seu cotidiano e do seu universo individual, com conflitos, medos e sonhos.

⁷ Contos modernos – o conto é uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo.

contador pode e deve acrescentar canções, adivinha, parlendas, trava-língua e observações acometidas de graça para envolver ainda mais o público, mas nunca interromper o fluxo da história para que os ouvintes, em especial as crianças, consigam dar sequência a uma linha de raciocínio. Após contação é importante que o professor proporcione momentos voltados a reflexão junto às crianças.

Segue algumas propostas:

- Debate conversa acerca do que foi contado e a relação que isto tem com a vida real do aluno ou com outras histórias já ouvidas por ele;
- Abordar não apenas a linguagem falada ou escrita, mas também através de imagens (pintura, vídeos, fotos, desenhos, escultura, etc), além de sons (músicas, falas, ruídos, etc), sendo estes produzidos inclusive pela criança;
- Estimular a interação com o grupo e a sociabilidade entre os colegas, cujas opiniões e pontos de vista vão sendo abordados de forma amigável.
- Mostrar o livro, cuja história foi contada, para incentivar a vontade da plateia comparar a imagem que criou em sua mente com a ilustrada na obra, além de motivar o manuseio de livros;
- Proporcionar experiências envolvendo alunos e livros, levando-os a bibliotecas, livrarias, videotecas, museus, entre outros; para que vivenciem de forma concreta as diversas histórias;
- Não afirmar que esta ou aquela é a melhor história, pois os pontos de vista são diversos e até contraditórios.

4. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE APRENDIZAGEM

O projeto de aprendizagem aqui relatado e analisado teve a principio a participação dos acadêmicos Gicelli Petrini da Silva Brunkhorst, Igor Soares, Rúbia P. C. Cardoso (Licenciatura em Artes 2008) e Vinicius Afonso Mohr (Licenciatura em Artes 2010). Ele tinha por objetivo geral proporcionar às crianças das turmas de 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal Francisco dos Santos Junior – uma apresentação artística teatral. Apenas após quase um ano de estudo e preparação o grupo considerou que a apresentação, que desejávamos levar às

crianças estava pronta. Foi apresentada a “História meio ao contrário” da autora Ana Maria Machado, escolheu-se esta história por ser de uma autora brasileira e também por ser uma história desconhecida das crianças, onde poderíamos dar maior impacto no nosso objetivo da época, que era o de aguçar o interesse pelo teatro e julgamos que uma história ainda não conhecida pela maioria prenderia mais a atenção das crianças. Sinopse da peça: *“... E eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre.” É o fim da história? Não, é o começo. Mas não é por isso que a história é meio ao contrário, quer dizer, não é só por isso. Entre muitas risadas, você vai descobrir que “ser feliz para sempre” não é tão fácil assim e pode até ser meio chato. E que de nada adianta o poder do rei, a beleza da princesa, a coragem do príncipe... se não puderem fazer a sua própria história. Com o pano de fundo de incentivo a leitura e a criatividade infantil, a peça transcorre sob cenários e situações imaginárias, incentivando assim a fantasia infantil.* (MACHADO, 2005).

No início do mês de outubro de 2010, em conversa com a direção da escola, a respeito das apresentações, foi fechada a data de 21 de outubro de 2010, para serem realizadas 2 apresentações no período da manhã, atingindo aproximadamente 120 alunos das 5 turmas, com faixa etária de 10 e 12 anos. Combinadas as datas, o trabalho de ensaio e finalização de figurino e adereços continuou. Durante este processo de finalização dos ensaios apareceu um convite inesperado, o de realizar a apresentação para as crianças participantes do Projeto de Extensão “Mundo Mágico da Leitura”, da UFPR – Setor Litoral. Esta apresentação extra teria que ser impreterivelmente, no dia 15 de outubro de 2010, nela foi possível enxergar uma boa oportunidade de finalizar os ensaios com uma apresentação em caráter de ensaio.

Na apresentação do dia 15 de outubro, pelo Projeto Mundo “Mágico da Leitura”, estavam presentes 15 alunos, aproximadamente, com idades de 12 e 14 anos. Foi uma ótima apresentação, e de grande valia para nós, pois era um público interessado no que estavam vendo – o que nos deixou muito contentes por ter surtido um grande efeito (em conversa realizada após a apresentação, percebemos que as crianças do projeto se interessaram ainda mais por aprender o que era “contação de histórias” e em desenvolver a mesma). Fomos então para a apresentação principal do nosso projeto: a estreia para nosso público alvo no Projeto de Aprendizagem. Como o esperado e combinado, foram realizadas duas

apresentações seguidas, pois todas as crianças que deveriam assistir não caberiam confortavelmente no espaço que nos foi reservado. Ambas as apresentações tiveram grande receptividade e participação por parte não só das crianças, mas também dos professores e demais funcionários que ali estavam.

Após as apresentações combinadas para acontecer naquele dia, a vice-diretora da escola, chamou-nos para conversar sobre a possibilidade de que as apresentações fossem repetidas, mas desta vez para toda escola, nos dias 25 e 26 de novembro de 2010 – nesta data aconteceria a Feira do Livro e, segundo a coordenação da escola o trabalho de contação de história seria muito pertinente ao evento. Aceitamos, pois era uma excelente maneira de concluirmos nosso P.A. – pois, assim, teríamos mais dados para comparações e relatos. Foram atendidas, neste dia, 22 turmas, uma média de 490 crianças, mais de 40 alunos aproximadamente, visitantes da Escola Municipal Wallace Tadeu de Melo e Silva, tudo isso envolvendo crianças de 6 a 14 anos, na média.

4.1 REFLEXÕES SOBRE AS APRESENTAÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Sob o ponto de vista do nosso grupo foram excelentes apresentações. Pudemos, o tempo todo constatar o entusiasmo e a alegria das crianças em perceber tudo aquilo que estava a sua frente. A grande maioria das crianças desta escola nunca tiveram oportunidade de apreciar nenhum tipo de espetáculo teatral. Percebemos também que os professores se mostraram muito atentos a tudo o que viam. Mas para nos certificarmos de que as apresentações realmente haviam obtido sucesso precisaríamos do “retorno” das crianças e dos professores – tanto do imediato (obtido através de uma breve conversa após a apresentação), quanto do retorno posterior (obtido com uma conversa mais aprofundada com as professoras das turmas, a respeito do entusiasmo e dedicação em torno da leitura por parte das crianças). Logo após a apresentação, grande parte das crianças nos informou que iriam tentar praticar mais o ato da leitura, além disso, é claro, todas elas queriam aproximar-se mais dos personagens, tirando fotos e abraça-los. Desta forma o retorno imediato foi muito positivo, pois se percebeu claramente a euforia e a motivação das crianças em saberem mais a respeito daquela história contada, como também de outras histórias. As crianças queriam ver, sentir e ler o livro, cuja história foi adaptada – é importante frisar que o livro ficou o tempo todo em cena.

O retorno posterior, também foi muito positivo e satisfatório. Os professores nos relataram que, após as apresentações as crianças já passaram a se interessar mais pelo ato de ler. Entretanto, durante o começo deste ano de 2012 retornamos a mesma escola e tivemos novamente a mesma conversa com os professores. Desta vez o relato foi bem diferente. Conforme o tempo foi passando, a euforia foi acabando e as crianças já não estavam mais procurando a leitura no seu dia-a-dia, nem a biblioteca, pelo menos não mais como quando houve a apresentação da contação de histórias. Concluímos com isso que, para obtenção de melhores resultados, ou seja, para que o incentivo a leitura através de contação de histórias se torne um hábito, estas apresentações deveriam acontecer mais vezes durante o ano, no mínimo duas vezes por ano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossos primeiros contatos com as crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Francisco dos Santos Junior, constatamos que o mundo das artes e especialmente o do teatro era algo desconhecido para a maioria. A imaginação e a leitura, que proporcionam também esta riqueza de elementos para instigar a fantasia, eram tão pobres e com tão poucos incentivos quanto à arte por parte da escola e dos familiares destas crianças participantes do projeto. Desta forma, o grupo formado para o P.A., partiu para a ideia de unir estas duas práticas, ou seja, a prática artística do teatro e o incentivo à leitura infantil, a partir da contação de histórias.

É muito fácil perceber que a maioria dos textos escolares não tem significado lógico para a faixa etária da maior parte dos alunos. Esta por falta de vínculo prático com a realidade causa nos alunos uma profunda desmotivação para a leitura no ambiente escolar. Percebe-se também que, para a maior parte destes estudantes, a leitura acontece somente sobre o mínimo imprescindível à sobrevivência escolar, ou seja, a leitura com o intuito de gerar deleite, cognição ou aprendizado quase nunca acontece. Este “formato” de leitura que ocorre nos processos de ensino-aprendizagem da maioria das escolas formou uma geração de leitores inaptos, ou seja, uma geração de leitores que não têm ou não se habilita à compreensão e interpretação textual. Este tipo de leitura, infelizmente, está intrinsecamente ligado ao método tradicional de ensino.

O verdadeiro processo de leitura deve ocorrer de forma agradável, gradativa e minuciosa, isto é, o indivíduo desde criança, deve ser estimulado pelos pais e pelos educadores a buscar, por seus próprios interesses, a leitura. Desta forma, desde muito cedo, é possível que o indivíduo adquira senso crítico e domínio sobre suas próprias opiniões e pontos de vista. O incentivo para tal prática da leitura pode vir primeiramente com a contação de histórias, que enriquece e dá vida aos textos. Assim como deixa “o gostinho de quero mais” – que é furto para a motivação da leitura inteira de um livro. Entretanto, a motivação das crianças para a leitura não deve partir apenas de lhes contar histórias, mas também proporcionar-lhes o contato com materiais voltados a estas atividades; sejam a partir de livros ou gibis, revistas infantis, jogos, teatros, entre outros com os quais será possível aprender a ler, interpretar, criar e recriar brincando.

Todas as crianças possuem um mundo próprio, só delas, cheio de sonhos e fantasias, é preciso então, abrir as portas da imaginação a partir de leitura, para elas, mas também é preciso saber fazer esta abertura para não criar um desencantamento na criança. Percebemos que o ato de ler e ouvir não tem limites, o que torna a crianças capaz de ler o mundo, resgatando os valores que o autor inseriu no texto e, assim, ampliar os seus próprios conhecimentos. A partir de todas estas constatações, pode-se dizer então que, a contação de história desenvolve na criança a sua criatividade e sua sensibilidade, como consequência desenvolve também a sua capacidade de construção e conhecimento de seu mundo. A leitura torna-se, portanto, um dos grandes, senão a maior fonte do saber e do autoconhecimento.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Atica, 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Regina. **Acordais fundamentos teórico-poético da arte de contar histórias**. 1. ed. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.